

Exercícios retóricos: “*Progymnasmata*” em Sebastião da Rocha Pita¹

Rethorical exercises: *Progymnasmata* by Sebastião da Rocha Pita

Eduardo Sinkevisque²

Resumo: Na primeira metade do século XVIII, Sebastião da Rocha Pita atualiza parte dos exercícios preparatórios (*progymnasmata*) na *História da América Portuguesa* (1730), na “Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita Presidindo na Academia Brasílica dos Esquecidos” (1724) e no *Tratado Político* (1715). Demonstra-se de que modo o letrado mobiliza a paráfrase e o exercício para compor, por meio de *exempla*, a argumentação desses textos. Nos três discursos, Rocha Pita reafirma matérias teológico-políticas fundantes do antigo Estado português. A hipótese é que os diferentes usos da paráfrase, nas diferentes situações de interlocução dos gêneros (história, oratória, tratado), sejam fundamentais para o entendimento das práticas performatizadas por Rocha Pita. Tem-se, com isso, os mesmos *topoi* políticos moralizados catolicamente, porém imitados de modos diferentes, para leitores/ouvintes diferentes.

Palavras-chave: Retórica. *Progymnasmata*, Sebastião da Rocha Pita.

Abstract: During the first half of the Eighteenth century Sebastião da Rocha Pita updates part of the preparatory exercises (*progymnasmata*) in the *História da América Portuguesa* (1730), through the “Oração do Acadêmico Vago (...)” (1724) and the *Tratado Político* (1715). One shows the way the scholar mobilizes the paraphrase and the exercise to elaborate through *exempla* the texts’ argumentation. In the three speeches, Rocha Pita restates the theological-political subjects that created the ancient Portuguese State. The hypothesis is that the different uses of *paraphrase* in the different interlocutions of genres (*history, oratory, treatise*) are crucial to understand Rocha Pita’s performative practices. Therefore we have the same political *topoi* Catholically moralized, though *imitated* in different ways, for different readers/listeners.

Key Words: Rhetoric. *Progymnasmata*. Sebastião da Rocha Pita.

1 Este texto, em uma primeira e diferente versão, foi apresentado apenas oralmente no III Congresso Brasileiro de Retórica da Sociedade Brasileira de Retórica, realizado em setembro de 2014, USP/Makenzie. Ficou inédito até hoje.

2 Doutor em Letras (Literatura Brasileira) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

Os *progymnasmata* são exercícios preparatórios de oratória com os quais retores gregos dos séculos I a IV d.C., como Aélio Theon e Hermógenes, prescrevem e doutrinam a prática do epidítico alto e baixo. Na chamada Segunda Sofística, Calístrato, Filóstrato de Lemos e Luciano de Samósata, principalmente, exercitam-se na eloquência, ensinando-a (HERMÓGENES, 1997).

Os *Progymnasmata* de Aftônio e os textos de outros retores gregos, como Hermógenes, Longino, Demétrio de Falero, Dionísio de Halicarnasso, circularam no Oriente, em Constantinopla, até o final do século XV. Quando os turcos ocuparam a cidade, eruditos levaram esses textos para a Itália, onde foram publicados por Aldo Manúcio.

No século XVI, a Companhia de Jesus passou a utilizá-los nas aulas de retórica de seus colégios e, depois da edição do *Ratio Studiorum*, em 1599, que sistematizou o ensino jesuítico, eles se tornaram textos básicos no ensino da composição. Como demonstra Luisa López Grigera, nos séculos XVI e XVII, Aftônio e outros retores gregos voltaram a ser utilizados para ensinar alunos a compor descrições de cenas, objetos, pessoas, caracteres, paixões e ações (GRIGERA, 2004).

Para tratar de *progymnasmata* em Sebastião da Rocha Pita (1660-1738), fidalgo da Casa de Sua Majestade, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo e Coronel da Ordenança da cidade da Bahia, escolho três narrativas: *História da América Portuguesa* (1730), “Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita Presidindo na Academia Brasílica dos Esquecidos” (1724) e *Tratado Político* (1715).

Ocupo-me de narrativas epidítico-encomiásticas produzidas para receptores da nobreza, da aristocracia, entre outros acadêmicos *Esquecidos*. Retiro dos textos excertos do uso setecentista católico dos *exercícios retóricos*, aprendidos no Colégio da Bahia e na Universidade de Coimbra, onde Rocha Pita estudou.

Demonstro de que modo o letrado atualiza o costume (*consuetudo*) por meio dos *exempla* argumentativos, do uso da *paráfrase*, de tópicos políticas moralizadas catolicamente, para, em seguida, falar de seu sentido analógico.

Antes, convém lembrar alguns conceitos.

Nos séculos XVII/XVIII, *história é*, como dicionariza Rafael Bluteau, palavra derivada do grego *eido* (*veja*, que, no passado quer dizer *sei*). “História é narração de cousas memoráveis, que tem acontecido em algum lugar, em certo tempo, &, com certas pessoas, ou nações” (BLU-

TEAU, 1712, pp. 39-40). *História da América Portuguesa (...), Tratado Político* e “Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita Presidindo na Academia Brasílica dos Esquecidos” são textos compostos por narração epidítica, portanto não fabular, nem disposta em uma parte exclusiva do discurso. Narrativa histórica, nos séculos XVII / XVIII, é subgênero do epidítico alto, com elementos do judiciário, que ajuízam o passado, e do deliberativo, que aconselham os fazeres futuros contingentes.

O *Tratado Político*, de Rocha Pita, pode ser interpretado como pertencente ao gênero *tratado*, pois faz uso de máximas políticas, e por ter um caráter prescritivo, doutrinário; mas, pode ser definido como *prosa histórica*, em virtude de narrar ações particulares, em ordem natural, sequencial, em estilo médio ou temperado, cujo uso de tropos e figuras é com juízo. Como espelho de príncipe, o *Tratado* ensina a boa governança. Oração é aqui entendida como um discurso oral doutrinário, como pertencente à oratória ou arte retórica. Nela, Sebastião da Rocha Pita, presidindo a Academia Brasílica dos Esquecidos, basicamente, postula os mesmos argumentos de legitimação da monarquia portuguesa que também legitima na *História* e no *Tratado*. A *História da América Portuguesa* é dedicada a D. João V, fazendo o elogio de suas ações.

Ela pode ser considerada a primeira história acessível ao leitor a tratar do *Brasil*, se considerarmos que a *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, escrita nos Seiscentos, somente foi editada no século XIX. Organiza-se conforme o gênero histórico era entendido nos séculos XVII/XVIII. Ou seja, segundo a diferenciação entre *poesia* e *história*, como gênero prescrito pela *Retórica e Poética* aristotélicas, cuja finalidade é persuadir por meio de um discurso demonstrativo-deliberativo. A *História da América Portuguesa* foi escrita com o propósito de dar “notícias” sobre as terras lusitanas na América.

Sebastião da Rocha Pita escreveu o *Tratado Político* objetivando demonstrar que a ação de D. Pedro II no rompimento de paz com Castela em favor do rei Carlos III fundamenta-se na tópica da *guerra justa*, tópica teológico-político-retórica com a qual argumenta em favor da conservação ou ampliação da monarquia. Guerra justa é tópica teológico-político-retórica que conceitua as guerras como necessárias para aumento e conservação das monarquias. O rei pode declarar a guerra quando julgar justo e necessário, por ser esta uma prerrogativa sua, de governante, além de ser a guerra gloriosa a quem a empreende e ter fortalecido todos os impérios que a fizeram, como ensina a história mestra

da vida, lida nos séculos XVII e XVIII em chave ciceroniana. Ela é definida por João Botero como um dos argumentos ou uma das razões para se conceituar Razão de Estado, ao articular a noção de que uma guerra empreendida para ampliação ou conservação da Monarquia é guerra justa (BOTERO, 1992, p. 5).

Os meios palacianos e acadêmicos, onde a prosa de Rocha Pita circulou, implicam a constituição de interlocutores para quem o sentido da *história* é providencial. Na base dos discursos, têm-se as coisas (*res*) presentes por meio do exemplo das passadas.

Isso supõe metafísica teológico-político-retórica, em estilo emulador de Gôngora. Gôngora não é apenas o nome do poeta, os traços estilísticos, mas uma das *auctoritates* recicladas no discurso. Rocha Pita é *gongórico* por aplicar esse modelo na composição dos textos.

Na metafísica de que Rocha Pita participa, Deus é o fundamento transcendente do poder do Estado. A *história* participa da identidade absoluta indeterminada de Deus, cujo sentido providencial revela Sua vontade em coisas, homens e eventos. Experiência que revela o Ditado transcendente no pacto de sujeição e alienação da comunidade aos “dois corpos do Rei”. Kantorowicz demonstra que se trata de uma unidade indivisível, sendo que ambas as partes são contidas uma na outra. Explica que o conceito de transmigração é fundamental nessa teoria, uma vez que a migração da alma, da parte imortal da realeza, em sucessão dinástica, dá lugar à outra conforme expresso pela separação dos corpos, quando da transmigração de um rei para outro, mais do que transmissão. Nesse pensamento corporativista, o rei é a cabeça e os súditos são os membros do corpo, corpo místico cuja cabeça é Cristo, noção transferida pelos juristas da esfera teológica para o Estado, cuja cabeça, como dito, é o rei (KANTOROWICZ, 1998, pp. 21, 23, 25).

Exercício e paráfrase têm a ver com as tópicas da invenção que, em disposição e elocução, são variações do costume (*consuetudo*). O exercício é uma prática metódica, reflexiva e categórica, consistindo em aplicar todas as coisas da experiência a qualquer afeto, interpretando-o através das categorias aristotélicas doutrinadas no *Organon* (ARISTÓTELES, 1986). O pressuposto do exercício é o de que a semelhança é base da metáfora e de que esta é a fonte de todos os signos; por isso, o exercício se aplica ao estabelecimento de analogias e diferenças, articulando-se nele o conceito de emulação. O exemplo é uma indução, um dos modos de demonstração prescrito na *Retórica* aristotélica. Em comparação ao

silogismo, um dos tipos de entimema, o exemplo persuade mais, enquanto que o silogismo impressiona mais (ARISTÓTELES, 1998, pp. 50-51). Com relação à exemplificação no gênero histórico, Vives prescreve que “seus exemplos podem reportar muitos benefícios aos homens, e resultar modelo das virtudes que eles naturalmente alcançaram, (e) nas que se destacaram, assim como da heroica honestidade que os nossos alcançaram por graça de Deus” (VIVES, 1997, pp. 88-91).

Rocha Pita, o Vago da Academia Brasílica dos Esquecidos (1724-1725), mobiliza a *paráfrase*, o *exercício*, para compor, por meio de *exemplum*, a argumentação dos textos. A hipótese é que os diferentes usos da *paráfrase*, nas diferentes situações de interlocução dos gêneros, sejam fundamentais para o entendimento das práticas. Tem-se os mesmos *topoi* políticos moralizados catolicamente, *emulados* de modos diferentes, para leitores/ouvintes diferentes.

Para demonstrar o que digo, utilizo a narrativa do *Milagre de Ourique*, *topos* historiográfico fundamental da Monarquia católica portuguesa; tópica com o qual se funda e se fundamenta o Estado Português em termos do direito natural e positivo.

Não penso os discursos como versões barrocas de um mito ou do visionarismo barroco desse mito, como quis Margarida Vieira Mendes (MENDES, 1992), tampouco como a origem da nacionalidade, como quis Ana Isabel Buescu (BUESCU, 1987, 1991). Entendo os textos como variações de padrões discursivos, modelos e circulação do costume (*consuetudo*). No mínimo modelos tradicionais alcobacenses, cistercienses e jesuíticos.

As narrativas do milagre respeitam o critério historiográfico da testemunha e são exercitadas nos mais variados registros e gêneros discursivos. Encenam, no século XVIII, variações de elocução, segundo seus lugares institucionais. A escrita de Rocha Pita se faz como *paráfrase*, menos por se tratar de um mesmo letrado em exercício retórico e mais por ser esse exercício uma prática imitativa/emuladora de autoridades e modelos.

Os resíduos expostos têm uma história, faz-se como história, mas foram pensados como argumentação epidítica de histórias, não se constituindo nenhuma positividade, nenhum dado ou evidência de um mito de origem da nacionalidade portuguesa como o século XIX inventou, mas uma tópica teológico-político-retórica em uso por discursos do poder católico do Antigo Estado.

Rocha Pita repõe a narrativa do *Milagre de Ourique* não só no *Tratado Político*, mas também na *História da América Portuguesa* e na “Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita Presidindo na Academia Brasílica dos Esquecidos”. Vejamos de antemão no *Tratado Político*:

É bem autêntica entre os naturais, e recebida entre os estrangeiros aquela misteriosa aparição de Cristo Senhor Nosso, ao nosso primeiro rei D. Afonso Henriques, o qual na noite precedente ao dia em que havia de dar no campo de Ourique batalha a Ismar, e a outros quatro reis Mouros, triste, e pensativo por ver a gente portuguesa temerosa da multidão bárbara, pegando em uma bíblia que tinha na tenda e achando nela a vitória, que alcançou Gedião com só trezentos soldados, matando mais de cento e vinte mil madianitas, pediu a Deus favor por ser aquela guerra por Seu amor empreendida, e contra os blasfemos do Seu Santo Nome, e adormecendo sobre o livro, lhe apareceu em sonhos um velho, que lhe assegurou venceria, e destruiria aqueles reis infiéis, e que o mesmo Deus lhe apareceria (PITA, 2014, pp. 145-150).

Na *História da América Portuguesa*:

É bem autêntica entre os naturais, e recebida entre os estrangeiros (posto que impugnada por alguns castelhanos) aquela misteriosa aparição de Cristo Senhor Nosso ao primeiro rei lusitano D. Afonso Henriques, o qual na noite precedente ao dia em que havia de dar no Campo de Ourique batalha a Ismael e a outros quatro reis mouros, triste e pensativo por ver a gente portuguesa temerosa da multidão bárbara, pegando em uma Bíblia que tinha na tenda, e achando nela a vitória que alcançou Gedeão com só trezentos soldados, matando mais de cento e vinte mil Madianitas, pediu a Deus favor, por ser aquela guerra por seu amor empreendida e contra os blasfemos do seu santo nome; e adormecendo sobre o livro, lhe apareceu em sonhos um ancião, que lhe seguiu venceria e destruiria aqueles reis infiéis, e que o mesmo Deus lhe apareceria (PITA, 1976, pp. 135-136).

Na “Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita Presidindo na Academia Brasílica dos Esquecidos”:

Esta foi a Pedra fundamental, sobre que Cristo Senhor Nosso quis estabelecer um Império que levasse o seu sagrado Nome às partes remotas, como o prometeu no Campo de Eurique ao primeiro Rei Lusitano, e como o tem feito, e vão sempre executando seus Decendentes, e Sucessores os Augustos Monarcas Portugueses. (PITA, 1978, p. 137)

O sentido permanece o mesmo nas três variantes, sendo que o fraseado e a escolha lexical são idênticos, tornando o trecho *paráfrase, exercício*. Destaco o uso da tópica bíblica da intervenção divina em situações bélicas em que o inimigo é mais numeroso e, mesmo assim, vencido pelos católicos.

Destaco também variações elocutivas de pontuação, sintaxe e variações referentes à escolha lexical. A fundação da Monarquia absoluta portuguesa foi obra da divina Graça. Sua fundamentação respeita a doutrina que prevê seu surgimento e sua manutenção, com a promessa de ampliação deste poder por meio da catequese, em termos de razão de Estado. A doutrina naturaliza o poder absoluto na figura do rei escolhido pelo povo no pacto de sujeição que o aclama. O Estado é proposto como metáfora especular. As variações de uso da narrativa do milagre por Rocha Pita podem ser confrontadas com modelos quincentistas e seiscentistas, como os alcobacenses e cistercienses e os do Padre Antônio Vieira. A narrativa do milagre construída nos três textos de Pita refaz e reafirma a aclamação de D. João IV em oposição à Coroa espanhola. A variação de uso do Padre Vieira do milagre é mediada pelas circunstâncias e ocasiões inquisitoriais e de reafirmação da aclamação de D. João IV, a que os historiadores costumam chamar contexto inquisitorial e restauracionista.

Para evidenciar o uso dos *progymnasmata*, destaco os trechos em que nas três prosas de Rocha Pita os exercícios retóricos são trabalhados. No *Tratado* tem-se essa formulação: “É bem autêntica entre os naturais, e recebida entre os estrangeiros aquela misteriosa aparição de Cristo Senhor Nosso”. Na *História*: “É bem autêntica entre os naturais, e recebida entre os estrangeiros (posto que impugnada por alguns castelhanos) aquela misteriosa aparição de Cristo Senhor Nosso ao primeiro rei lusitano D. Afonso Henriques”. Na *Oração*: “Esta foi a Pedra fundamental (...) como o prometeu no Campo de Eurique ao primeiro Rei Lusitano”³.

3 Os sublinhados são meus.

Meu interesse é pelo discurso e não pelo evento em si, pensando os textos como constituidores e legitimadores do evento, entretanto narração, ou as narrações, da batalha de Ourique em que Cristo apareceu, segundo a lenda, para o primeiro rei português, D. Afonso Henriques, prometendo-lhe o maior império do mundo, tem gerado ampla pesquisa entre historiadores. Na edição crítica do *Livro antepimeiro da História do Futuro*, preparada por José Van Den Besselaar, há uma nota sobre um apócrifo de 1600, aproximadamente, (*Juramento de D. Afonso Henriques*), em que a referência ao *Milagre de Ourique* se faz nos seguintes termos:

D. Afonso Henriques, na véspera da batalha contra os Mouros perto de Ourique (1139), teve um encontro com um ermitão, que o animava a lutar contra os infiéis e lhe anunciava a aparição do Cristo crucificado; aparecendo-lhe este algumas horas depois, assegurou-lhe a vitória sobre os Mouros e inculcou-lhe a missão histórica do futuro Reino de Portugal, a qual consistia em evangelizar o mundo (BESSELAAR, 1983, p. 46).

Besselaar explica que, no século XVII, esta lenda já adquirira a sua forma definitiva no famoso apócrifo, cuja referência se apresenta nos capítulos IV e VIII da *História do Futuro*. Vieira expõe, na “primeira utilidade”, os motivos da História do Futuro em termos providenciais e de promessa divina. A narrativa de Ourique é relatada na *Crônica de Sister*, de Frei Bernardo de Brito (1602), sendo um dos modelos de Vieira e possivelmente um dos modelos que Rocha Pita mobilizou, provavelmente, no *Tratado Político*, na *História da América Portuguesa* e na “Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita Presidindo na Academia Brasileira dos Esquecidos” (1724). A utilização da *Crônica de Sister* pelo Padre Antônio Vieira, entretanto, visa a sustentar a escolha e eleição providenciais de Portugal como maior reino católico do mundo. O confronto do discurso de Rocha Pita com o de padre Antônio Vieira indica semelhança entre conceitos.

O evento milagroso é reposto como exemplo de intervenção decisiva em favor dos portugueses e de seu Estado em momentos difíceis, pois os artigos referentes ao Testamento de Afonso Henriques “têm valor análogo às Escrituras” (PÉCORA, 1994, p. 237). O trecho do capítulo IV da *História do Futuro* semelhante ao *Tratado Político* e à *História da América Portuguesa*, de Pita, é o seguinte:

Antes do nascimento de Portugal, apareceu o mesmo Cristo a el-rei (que ainda não o era) Dom Afonso Henriques, e lhe revelou como era servido de o fazer rei e a Portugal reino; a vitória que lhe havia de dar em batalha tão duvidosa, e as armas de tantas glórias com que o queria singularizar entre todos os reinos do mundo. E o embaixador e intérprete deste de outros futuros, que depois se viram cumpridos, foi aquele velho desconhecido e retirado do mundo, o Ermitão do campo de Ourique, para que conhecesse e não pudesse negar Portugal que devia a Deus a vitória e a coroa, e que era todo seu desde seu nascimento (BESSELAAR, 1983, p. 42).

Entretanto, Vieira retoma a narrativa providencialista no capítulo VIII, como pode ser constatado:

Naquela noite em que Cristo por sua própria pessoa fundou o Reino de Portugal, aparecendo e falando ao seu primeiro rei, disse: *ego aedificator et dissipator regnorum atque imperiorum sum: volo enim in te et in semine tuo imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exterarum nationes.*

Segundo José Van Den Besselaar: “Eu sou o fundador e destruidor dos reinos e dos impérios; e quero em ti e em teus descendentes fundar um império para mim, pelo qual meu nome seja levado pelas nações estranhas” (BESSELAAR, 1983, p. 88).

Outros dois letrados portugueses dos séculos XVII e XVIII que atualizam a narrativa do milagre podem ser lembrados. São eles Frei Manuel Calado, do *Valeroso Lucideno* (CALADO, 1987), e Inácio Barbosa Machado, das “Dissertações compostas por Inácio Barbosa Machado” (MORAES, 1999).

Ocorre que a narração da batalha de Ourique vem atrelada, em dois dos três textos, com uma argumentação exemplificativa de outras quatro ocasiões em que houve aparições de Cristo a reis católicos, porém desprovidas de promessa, como se vê a seguir, primeiro com excerto do *Tratado Político*:

Em iguais conflitos e em diversos atos mostrou Deus Nosso Senhor prodigiosos sinais a vários príncipes e monarcas nos princípios, ou nos progressos dos seus reinos, mas a nenhum fez favor tão relevante, nem semelhante promessa (...) a Clodoveu (...) que recebeu a fé católica no ato do seu batismo mandou do céu o óleo com que se havia de ungir o estandarte chamado auriflama (...). Ao grande Constantino perto de Roma indo contra o tirano Maxêncio mostrou Deus uma cruz no céu com letras que diziam que naquele sinal venceria motivo de sua redução à fé católica, mas não lhe prometeu a permanência do império, nem de sua geração (...). A Garcia Iñiguez (...) estando para dar batalha aos mouros mostrou Deus sobre um robre outra cruz, mas não lhe insinuou perseverança da soberania, nem da sua prole (...). Ao católico Tibério imperador de Constantinopla, passeando no seu jardim mostrou Deus sobre a terra outra cruz, e por reverência levantando-a daquele indigno lugar lhe apareceram mais duas no mesmo direito, tirando-as a todas achou de baixo delas um copioso tesouro, mas não viu cédula, nem ouviu voz que lhe promettesse mais que o preço, que ali lhe dava, e assim o império de Constantinopla foi passando a tiranos e ultimamente se perdeu indo a poder do inimigo comum da cristandade (PITA, 2014, pp. 150- 154).

Veja-se a paráfrase da passagem por meio do excerto da *História da América Portuguesa*:

Em iguais conflitos e em diversos atos mostrou Deus Nosso Senhor prodigiosos sinais a vários príncipes e monarcas nos princípios ou nos progressos dos seus reinos, mas a nenhum fez favor tão relevante nem semelhante promessa. A Clodoveu (...) que recebeu a fé católica, no ato do seu batismo mandou do céu o óleo com que se havia de ungir, o estandarte chamado auriflama, e as flores-de-lis de que ele e o reino de França haviam de usar por armas, deixando os cinco sapos que até ali se viam no seu escudo, mas não lhe segurou a duração de sua descendência (...). Ao grande Constantino (...) indo contra o tirano Maxêncio, mostrou Deus uma cruz no céu com as letras: *In Hoc signo vinces*, motivo da sua redução à fé católica; mas não lhe prometeu a permanência do império nem da sua geração (...). A Garcia, primeiro rei de Navarra, (...) Deus [colocou]

sobre um carvalho outra cruz, mas não lhe insinuou perseverança da soberania nem da sua prole (...). Ao católico Tibério, imperador de Constantinopla, passeando no seu jardim, mostrou Deus sobre a terra outra cruz, e por reverência levantando-a daquele indigno lugar, lhe apareceram mais duas na mesma direitura, e tirando-as todas, achou debaixo delas um copioso tesouro, mas não viu cédu-la, nem ouviu voz que lhe promettesse mais que o preço que ali lhe dava; e assim o império de Constantinopla foi passando a tiranos, e ultimamente se perdeu, indo ao poder do inimigo comum da cristandade (PITA, 1976, p. 136).

Exercícios
retóricos

Em destaque, tem-se no *Tratado* “Em iguais conflitos (...). Ao grande Constantino (...). A Garcia Iñiguez (...). Ao católico Tibério, enquanto que na *História* com começo idêntico ao do trecho do *Tratado*, acrescentando-se Ao grande Constantino (...). A Garcia, primeiro rei de Navarra (...). Ao católico Tibério, imperador de Constantinopla”⁴.

201

Trata-se dos *exempla*, cujo fundamento escolástico evidencia o providencialismo que reforça a argumentação sobre a escolha de Portugal para ser o maior império. Rocha Pita narra, no *Tratado Político*, quatro aparições de Cristo a outros reis em semelhança à aparição a D. Afonso Henriques. Por terem finalidade argumentativa os *exempla* atestam que outras nações não foram escolhidas, uma vez que as aparições a outros reis não vieram acompanhadas da promessa de Deus.

A *História da América Portuguesa* e o *Tratado Político* são paráfrases um do outro. As quatro aparições narradas têm variação mínima. Uma ou outra pontuação foi alterada, uma ou outra palavra, sendo que a *História da América Portuguesa* traz a sentença *in hoc signo vinces*, lema de Constantino, que o *Tratado Político* não apresenta, bem como a citação de Juliano. Esses excertos confirmam o uso moralizado dos exercícios preparatórios. Cada um dos quatro reis é semelhante ao rei D. Afonso, as aparições igualmente. Rocha Pita pode afirmar como crível a aparição de Cristo e, como nas outras não houve a promessa, afirma, dedutivamente, Portugal como o escolhido para o maior império. Tanto na *História da América Portuguesa* quanto no *Tratado Político* Sebastião da Rocha Pita retoma a argumentação com a menção à passagem, deslocando a memória do receptor, novamente para a aparição, providencialmente.

4 Os sublinhados são meus.

Os *exempla* são performatizados na relação da parte para a parte, do semelhante para o semelhante. Os enunciados são análogos e proporcionais. São meios eficazes de argumentação como enunciados dedutivo-indutivos epidícticos, que funcionam como provas cabais da eleição e dos favores Divinos por meio da Graça.

Os procedimentos de leitura propostos possibilitam reconstruir o funcionamento do gênero histórico, de certa oratória acadêmica e do gênero tratadístico do mundo católico português do século XVIII, em termos de argumentação.

Finalizo com a questão conceitual da analogia. Utilizada para permitir o encontro do humano com o divino, na *história*, analogia tem sentido tomista de participação que as criaturas têm em Deus enquanto Seus efeitos. Ela é estabelecida, escolasticamente, na relação entre o natural e o divino e utilizada no discurso como base para o *ornato*, entre conceitos engenhosos e os sinais divinos no mundo, entre as figuras da técnica discursiva e as da providência. Esse é o tipo de prova aceita nos resíduos setecentistas trabalhados.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Categorias*. In: _____. **Organon**. Vol. I. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

_____. **Retórica**. Trad. e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento Pena. Intr. de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.

BESSELAAR, José van den. **Livro Antepimeiro da História do Futuro**. Edição Crítica de José Van Den Besselaar. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983.

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário Português e Latino (...)**. Colégio das Artes da Companhia de Jesus: Coimbra, 1712. T. 4, pp. 39-40.

BOTERO, João. **Da Razão de Estado**. Coord. e introdução de Luís Reis Torgal. Tradução de Raffaella Longobardi Ralha. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1992.

BUESCU, Ana Isabel. **O Milagre de Ourique e a História de Portugal de Alexandre Herculano**. Uma Polêmica Oitocentista. Lisboa, 1987.

_____. Um mito das origens da nacionalidade: o milagre de Ourique. In: BETHENCOURT, Francisco (org.); CURTO, Diogo Ramada (org.). **A memória da Nação**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1991.

CALADO, Frei Manuel. **O Valeroso Lucideno**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1987.

GRIGERA, Luisa López. **Notas sobre ‘Progymnasmata’ en la España del Siglo XVI**. Ann Arbor: Michigan University, 2004.

HERMÓGENES. Progymnasmata (Les Exercices Préparatoires). In: **L’Art Rhétorique**. Trad. française intégrale, introduction et notes par Michel Patillon, préface de Pierre Laurens. Paris: L’Âge d’Homme, 1997.

KANTOROWICZ, Ernst H. **Os Dois Corpos do Rei – Um Estudo sobre Teologia Política Medieval**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MENDES, Margarida Vieira. Ledice e Esforço: O Visionarismo Barroco em Relatos do Milagre de Ourique. **Românica - Revista de Literatura**. Lisboa, 1992/93.

MORAES, Carlos Eduardo Mendes de. **A Academia Brasílica dos Esquecidos e as Práticas de escrita do Brasil Colonial**. Tese de Doutorado. FFLCH/USP. 1999.

PÉCORA, Alcir. **Teatro do sacramento: a unidade retórico-teológico-política nos sermões do Padre Antônio Vieira**. São Paulo/Campinas: EDUSP/EDUNICAMP, 1994.

PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portuguesa, desde o anno de 1500 de seu descobrimento até o de 1724**. Lisboa: Off. de Joseph Antônio da Sylva, 1730.

____. **Tratado Político**. Edição preparada por Heitor Martins. Brasília: Instituto Nacional do Livro (INL), 1972.

____. **História da América Portuguesa** desde o Ano de 1500 do Seu Descobrimto até ao de 1724. Belo Horizonte, São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1976.

____. Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita Presidindo na Academia Brasílica dos Esquecidos (1724). In: CASTELLO, José Aderaldo. **O Movimento Academicista no Brasil**. Vol. I, t. 1. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1978.

____. **Tratado Político**. Mss-30. In_: Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

____. **Tratado Político**. Mss. 4, 1, 23. In: Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

____. **Tratado Político (1715) / Sebastião da Rocha Pita – Estudo** Introdutório, transcrição, índices, notas e estabelecimento do texto por Eduardo Sinkevisque. Prefácio de João Adolfo Hansen. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2014.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil: 1500-1627**. Revisão Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke, OFM; Apresentação de Aureliano Leite. 7ª edição. São Paulo, Belo Horizonte: EDUSP, ITATIAIA. 1982.

VIVES, J. L. De ratione dicendi. Basilea, 1536 – De la narración histórica. In: ARTAZA, Elena. **Antología de textos retóricos españoles del siglo XVI**. Bilbao: Universidad de Deusto, 1997.